

Depoimento de Fernando J.B. Martinho na Sessão de Encerramento do
Congresso Internacional sobre Eduardo Lourenço

Gostaria de voltar, rapidamente, a algumas questões levantadas no decurso do Congresso, e que se me afiguram muito importantes. Foi visível a preocupação em vários participantes em encontrar uma tradição, quer nacional, quer internacional, para o ensaísmo de Eduardo Lourenço. Eu próprio sinto a necessidade de, digamos assim, definir essa tradição, como faço habitualmente em relação a muitos dos poetas que tenho estudado. Tenho, porém, que admitir que, no caso do nosso homenageado, me parece extremamente difícil o estabelecimento dessa genealogia, passe ela, por exemplo, por um Antero ou por um Ortega y Gasset, para apenas citarmos dois dos nomes aqui mais referidos, não sem razão, diga-se de passagem. Devo também confessar a dificuldade em recorrer à velha solução dos *isolados*, cómoda certamente, mas a maior parte das vezes apenas satisfatória para a vaidade de autores mais inclinados a esse pecado. Lembraria, no entanto, que, desde as origens do ensaio, se as fizermos remontar a Montaigne, como parece ser consensual, e aqui foi assinalado, os cultores do género o encararam no âmbito do trabalho literário como o faziam os seus colegas poetas ou novelistas e romancistas. Estou a pensar num autor inglês contemporâneo dos românticos, William Hazlitt, que, nos recuados começos dos anos 60 tomei temerariamente como objecto da minha tese de licenciatura, ou em outros dois grandes mestres do ensaio que o antecederam, Addison e Steele. Porque creio que o problema surge sobretudo por motivo de dois factores que conferem óbvia singularidade ao ensaísmo de Eduardo Lourenço, a altíssima qualidade literária da sua escrita e o que, segundo os seus próprios termos, há de «imaginativo ou imaginante» na sua sua prática crítica. Entre parênteses,

acrescentaria que foi isso, aliás, que justificou a atribuição, justíssima, do Prémio Camões em meados dos anos 90, e que faz também supor que dificilmente o Prémio voltará a ser atribuído, sem ofensa para os praticantes do género, a um ensaísta, depois de os galardoados terem sido duas figuras da estatura de Eduardo Lourenço e António Cândido.

Foi também aqui ontem sublinhada, e com toda a justeza, a irrecusável especificidade do ensaio, não obstante o que nele possa haver de aspiração à autonomia da obra de arte ou de hermeneuticamente «imaginante». Se chamo a atenção para este ponto, é porque é bem conhecida a mágoa de Eduardo Lourenço, tão insistentemente reiterada em declaração e entrevistas, por não ser, formalmente, poeta ou romancista. Ainda recentemente, no lançamento do número da revista *Relâmpago* que lhe é dedicado, pude dar-me conta do agrado com que viu um dos colaboradores aproximá-lo de Agustina, reconhecendo nele uma espécie de irmão da autora de *A Sibila*. Talvez Pessoa, tão sempre à mão, como dizia o Alexandre O'Neill, possa dar-nos a chave para a explicação deste desejo. Será ele, afinal, humanamente muito diferente da expressão daquele que é um dos temas mais glosados na poesia pessoana, o da mágoa por se não ter a felicidade dos outros que só o é exactamente por ser dos outros?

A realidade é que Eduardo Lourenço está, com o género que elegeu e com que confundiu o seu próprio destino de escritor, no mesmo plano daqueles sobre quem escreveu, escrevendo sobre si mesmo. E o seu lugar não é, como disse um dia, «à porta do templo onde estão os grandes escritores». É de dentro desse templo que nos convida a transpor os seus umbrais e nos acolhe, com o fulgor da sua inteligência crítica e do seu verbo, afinal indissociáveis.

Fernando J.B. Martinho

